

ONOMATOPÉIA: SOM PARA VER

Fabio Fernandes de Lima

Letras – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

fabio.lima@unifesp.br

Resumo: A proposta desta apresentação, cujo escopo é a onomatopéia, é a de demonstrar o andamento da pesquisa de atualização do projeto desenvolvido pelo Centro de Pesquisas da Comunicação Social (CPCS) da Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero (PUC – São Paulo), publicada em 1969 na Revista de Cultura Vozes. Há o intuito de iniciar um estudo aprofundado sobre o assunto, com foco nas histórias em quadrinhos. Será estudada a incidência quantitativa e qualitativa do som onomatopaico nas histórias em quadrinhos atuais, procurando investigar se as características do fenômeno linguístico se mantiveram as mesmas nos últimos 40 anos ou se houveram alterações representativas, inclusive nos aspectos ligados à plasticidade e ao movimento das onomatopéias.

Palavras-Chave: Onomatopéia; histórias em quadrinhos; estilística; figura de linguagem; som

Introdução

“Plunct! Plact! Zuum!... não vai a lugar nenhum...”. Assim diria o cantor e compositor brasileiro Raul Seixas em sua música “O carimbador maluco”, demonstrando como as onomatopéias podem enriquecer uma rima. No seriado de TV “Batman” (exibido nos Estados Unidos entre 1966 e 1968), encontramos outro exemplo. A popularização do seriado esteve atrelada à curiosa popularização das onomatopéias, que migraram juntamente com o personagem dos quadrinhos para a televisão, transformando-as numa espécie de marca registrada do programa. Tal diálogo entre quadrinhos e TV demonstrou que certas convenções utilizadas nas histórias em quadrinhos têm força própria, e mesmo nas adaptações mais descomprometidas podem vincular-se naturalmente ao gênero ao qual foram adaptadas.

Para Cirne (1970), “o ruído, nos quadrinhos, mais do que sonoro, é visual”. Nesse caso, a onomatopéia pode ser entendida como uma tentativa fonética de imitação de um som ou ruído, em outras palavras seria o ato de imitar um som com um fonema ou palavra. Tal tentativa não é configurada como exata e de fato nem poderia ser encarada assim devido à dificuldade que encontramos ao reproduzir determinados sons transcrevendo-os.

Numa linguagem mais técnica, poderíamos sintetizar da seguinte forma: onomatopéia (grego *onomatopoiía* = ação de inventar nomes), criação de uma determinada palavra a partir da imitação ou reprodução aproximada (nunca exata), de um som natural a ela associado. Fazem parte do universo da onomatopéia: ruídos, gritos, canto de pássaros, som de instrumentos musicais ou os sons que fazem parte dos fenômenos da natureza.

Tanto na prosa como na poesia, a onomatopéia é um recurso expressivo muito utilizado para produzir um efeito especial, reforçando a capacidade comunicativa do texto. Na poesia, ela possui grande importância estilística e poética, pois concentra a melodia, a harmonia e o ritmo da frase. Tais valores sonoros obtidos podem ser reforçados por aliteração (repetição de uma mesma unidade sonora), para ficarmos em um exemplo.

Sabe-se que, em geral, as onomatopéias são de entendimento quase que universal. Muitas delas, utilizadas inclusive em histórias em quadrinhos publicadas em nosso país, foram de certa forma adaptadas de outros idiomas, sobretudo do inglês, e são tão familiares que não nos apercebemos que surgiram a partir de verbos que simplesmente enfatizam a ação das personagens e vêm de sua representação verbal. Algumas das mais conhecidas são: *smack!*, que caracteriza um beijo, advinda do verbo “to smack”(beijar); *sniff-sniff* (to sniff), cheirar; *splash!!* (to splash), salpicar de água; *crack* (to crack), quebrar e *crash!* (to crash), espatifar.

Contudo, muitas onomatopéias têm poucas semelhanças nos diferentes idiomas quando traduzidas graficamente. Cada língua as convencionou de uma maneira própria. Por exemplo: *au-au* (latido de cães) em francês é escrito *wou-ou-ouuuu*; em russo *vau-ou-ouuu*; *beee* (som produzido pela ovelha), é *baa* em inglês e *bäh* em alemão.

O dramaturgo Aristófanes, em sua peça intitulada “As rãs”, já fazia uso determinado de certas palavras que, no idioma grego original, imitam o som desses animais, demonstrando que eram presentes no âmbito da retórica.

Fundamentação teórica

Segundo Guimarães e Lessa (1992), o ramo da estilística na língua portuguesa propõe que as onomatopéias podem ser puras ou vocalizadas. São denominadas puras quando buscam (com os recursos disponíveis na língua) reproduzir, imitar da maneira mais

aproximada possível os sons que representam; são exemplos: bip, clic, toc-toc, brrr, atchim etc. Estas onomatopéias puras não constituem palavras da língua, apenas imitam os sons que representam (não são vocábulos), e são, em muitos casos, formadas apenas por consoantes (zzzz), de fácil pronuncia, porém difíceis de serem representadas na forma ortográfica. Muitos dos ruídos e sons representados por onomatopéias acabam sendo incorporados à língua e acabam até criando novas palavras por derivação.

As onomatopéias chamadas vocalizadas constituem vocábulos como quaisquer outros, idênticos ao restante das palavras. Seguem, por sua vez, as regras de construção ortográficas, possuindo uma classificação morfológica e sintática, como fica expresso nos seguintes casos: os verbos mugir e roncar, correspondentes às onomatopéias puras “muuu e ronc”, respectivamente. As onomatopéias puras, quase que em sua totalidade, são passíveis de lexicalização, sendo preciso para tal, a adição de um artigo, funcionam como exemplos: o tic-tac, um toc-toc.

Existem outros casos de surgimento de palavras a partir da lexicalização de uma onomatopéia. A palavra “teco-teco”, que dá nome a um pequeno avião e já aparece dicionarizado. O avião chama-se teco-teco porque o funcionamento de seu motor produz um som parecido com “teco-teco”. O mesmo caso ocorreu com o nome do instrumento “reco-reco”. Por isso, o campo da estilística será uma das âncoras teóricas.

As onomatopéias fazem parte também das histórias em quadrinhos. De certa forma, quando vemos um quadrinho numa revista totalmente preto escrito apenas tic-tac!, fazemos a inferência de que na penumbra há um relógio funcionando. Talvez numa história de ação, essa inferência poderia ser a de que havia uma bomba ou um mecanismo em funcionamento naquela penumbra. Sem mudar a estrutura escrita dessa representação onomatopáica, tivemos duas visões para a mesma cena, e, dependendo do contexto ou da trama de uma história, esse prisma de significados tornar-se-ia ainda maior.

Essa é portanto a função básica da onomatopéia numa história em quadrinhos: sonorizar a história, e talvez, além disso, interagir com a arte de maneira agradável, fazendo parte do desenho e não estando simplesmente sobre ele, o que torna seu papel algo muito além de simplesmente representar o som, permitindo uma maior exploração criativa nos padrões visual e plástico, o que aumenta seu valor e funcionalidade na narrativa.

Descrição do Corpus

O Centro de Pesquisas da Comunicação Social (CPCS) na Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, de São Paulo, realizou uma pesquisa entre outros tópicos quantitativa sobre a ocorrência de onomatopéias nas histórias em quadrinhos publicadas na época. Essa pesquisa foi publicada em 1969 na "Revista de Cultura Vozes" em julho daquele ano. O estudo foi coordenado por José Marques de Melo, hoje referência na área de Comunicação Social no país.

O corpus pesquisado era composto por 39 revistas em quadrinhos publicadas e vendidas em bancas de jornal. Sabe-se que o mercado de quadrinhos no Brasil mudou drasticamente desde então, não só em temas, mas em seu meio editorial. Essa premissa ancora a proposta desta pesquisa, que pretende atualizar o levantamento sobre onomatopéias realizado em 1969.

Sendo o recorte constituído pelo mesmo número de revistas (39 no total), este seguiu os mesmos critérios de avaliação da primeira pesquisa, com a finalidade de manter os fundamentos propostos inicialmente, justificando, assim, fidelidade ao plano de atualização dos dados ali contidos. Ao final, pretende-se comparar os dois levantamentos e aferir qual (ou quais) mudança houve nesse intervalo de tempo, tanto qualitativa quanto quantitativamente.

Resultados Parciais

Alguns resultados já podem ser definidos, senão comentados e de acordo com os resultados parciais da pesquisa, ficou claro que a incidência da figura onomatopaica nas histórias em quadrinhos não só aumentou, como certamente permitiu-se agregar características muito peculiares em relação as suas representações no passado.

A expressão onomatopaica no mangá possui muitas diferenças estéticas e gráficas, sua transposição para o alfabeto ocidental causa rupturas no visual do desenho, bem como na estética das páginas (LUYTEN 1991).

No que tange ao conjunto e fluxo visual, as onomatopéias parecem ter evoluído muito, buscando certamente uma inserção mais plástica e harmônica nos aspectos gráficos.

Estes dados terão um melhor esclarecimento ao término da pesquisa onde serão definidos com maior precisão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIBE-LUYTEN, Sônia. O que é história em quadrinhos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- CAGNIN, Antônio Luis. Os Quadrinhos. São Paulo Ática, 1975.
- CÂMARA, Jr. Joaquim Mattoso. Contribuição à estilística portuguesa. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- CIRNE, Moacy. BUM! A explosão criativa dos quadrinhos. Petrópolis: Vozes, 1970.
- _____. Para ler os quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada. Petrópolis: Vozes, 1975.
- _____. A linguagem dos quadrinhos: O universo estrutural de Ziraldo e Maurício de Souza. Petrópolis: Vozes, 1973.
- EGUTI, Clarícia Akemi. A representatividade da oralidade nas histórias em quadrinhos. São Paulo, 2001. 183 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- EISNER, Will. Quadrinhos e Arte Sequencial. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- GUIMARÃES, Helio Seixas; LESSA, Ana Cecília. Figuras de Linguagem. São Paulo: Atual Editora, 1992.
- JAKOBSON, Roman. Lingüística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 1969.
- LAPA, Manuel Rodrigues. Estilística da Língua Portuguesa. Coimbra: Coimbra Editora, 1984.
- LOPES, Edward. Fundamentos da lingüística contemporânea. São Paulo: Cultrix, s/d.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. Introdução à estilística. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Acento e ritmo: fonética do português – elementos musicais da fala, sílaba, duração e acento. São Paulo: Contexto, 1992.
- McCLOUD, Scott. Desvendando os Quadrinhos. São Paulo: Editora Makron Books, 2005.
- MONTEIRO, José. A estilística. São Paulo: Ática, 1991.
- MOYA, Álvaro de. SHAZAM! São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.
- RAMOS, Paulo. A Leitura dos Quadrinhos. São Paulo: Contexto, 2009.
- Revista de Cultura Vozes. Vozes: Rio de Janeiro, julho de 1969, n. 7, ano 63.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de lingüística geral. São Paulo: Cultrix, 1995.